
MÚSICA

16 FEVEREIRO '08

MARI BOINE

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁB 16 FEVEREIRO 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. APROX. 1h30 · M/12

Guitarras Georg Buljo
Trompete Ole Jørn
Bateria Gunnar A
Baixo Svein Scultz
Flautas Carlos
Voz Mari Boine

MARI BOINE nasceu a 8 de Novembro de 1956 no Norte da Noruega, no país dos Samis, muitas vezes designado por Lapónia.

A região onde o povo Sami ainda subsiste estende-se pela costa noroeste da Noruega, pelo Norte da Suécia e da Finlândia e ainda pela península Gola, no Noroeste da Rússia, na fronteira com a Finlândia e a Suécia. Ocupando há mais de 2500 anos o Norte da Escandinávia, os Samis são considerados autóctones dessa região. Actualmente, cerca de 10% ainda se dedicam à pastorícia das renas. Nas primeiras décadas do século XX a Noruega tentou eliminar a cultura Sami.

Mari Boine cresceu numa pequena vila, a 16 quilómetros de Karasjov. Teve os seus primeiros contactos com a música através dos hinos religiosos da Igreja Laestadiana. O Laestadianismo foi iniciado pelo pastor luterano Lars Levi Laestadius, que serviu no Norte da Suécia entre 1825 e 1861. Influenciado por uma mulher, membro de um grupo religiosos conhecido pelos “Leitores”, Laestadius fundou em 1840 um movimento religioso revivalista, que propunha uma renovação espiritual do Luteranismo e se expandiu muito para além da Escandinávia, designadamente para os EUA através de emigrantes finlandeses. O Laestadianismo implantou-se fortemente na população Sami.

Para além dessa influência cristã, a sua música tem igualmente contactos com as *joik*, canções tradicionais dos Samis, anteriores à sua evangelização, normalmente interpretadas à *capela*, ou seja, sem acompanhamento musical,



com palavras ou só com sons vocais, que procuravam transmitir a essência de uma pessoa, de uma vida, de uma realidade, de um fenómeno. Os primeiros missionários cristãos chamavam-lhes “canções do diabo”.

Apesar destas influências, o que Mari Boine compõe não é, porém, música tradicional sami. As raízes tradicionais são combinadas com muitas outras influências de formas musicais contemporâneas, como o jazz, o rock, músicas de outras culturas.

Mari começou a cantar como terapia, não tendo consciência de que a sua voz tivesse alguma coisa de especial e estando muito pouco à vontade quando se apresentava em público. Não pensava vir a ser artista. A primeira letra de

música que escreveu, baseada no tema de John Lennon *Working Class Hero*, escreveu-a na sua língua nativa sami.

Só aprendeu a história e a língua do seu povo numa Escola para professores. “No ensino elementar fui ensinada a odiar o que sou”, disse ela. “Tinha vergonha da minha língua e da minha cultura. Incutiam-nos a ideia de que éramos de alguma maneira inferiores”.

O seu primeiro passo como profissional foi entrar num concurso de canções. Não se especificava qual a língua a utilizar, mas o concurso, que se realizava no norte, onde os Samis são maioritários, tinha sido sempre ganho por artistas que cantavam em norueguês. Mas Mari decidiu cantar em sami. Só no terceiro ano ganhou o concurso.

Passou a ser muito conhecida no Norte da Noruega e apareceu na televisão nacional. Uma peça de teatro baseada nas suas canções foi um êxito em Oslo. O seu sucesso na Noruega levou-a a digressões pela Alemanha.

No seu primeiro álbum, editado em 1986, um LP em vinil, *Depois do Silêncio*, cantava a solo baladas e canções pop-rock. Após ter participado no festival WOMAD, gravou o CD *Gula Gula* (Bscuta, rescuta), em 1989. A Terra como mãe, o respeito pela natureza, a relação entre os homens e a natureza, conceitos essenciais para o seu povo, são temas das canções deste álbum. Peter Gabriel decidiu distribuir o disco através da sua companhia Real World Records. Muito bem recebido pela crítica internacional, constou da lista de discos mais vendidos em diversos países. Marcou o início da carreira internacional de Boine.

Depois desse disco, muitas pessoas

passaram a considerá-la porta-voz do povo Sami e das suas causas. Mari recusa essa ideia. “Não posso representar um povo inteiro. Mas posso contar a minha história enquanto Sami e, dessa forma, contar parte da história do povo Sami. Nas minhas canções posso descrever a dor da opressão, a luta para recuperar o amor-próprio, mas também a alegria de crescer numa cultura que tem uma ligação tão estreita com a natureza. Não fui sempre politicamente activa. O meu empenhamento veio com a música”.

O terceiro álbum, *Goaskinviejlja* (Irmã água) saiu na Noruega em Abril de 1993 e foi entusiasticamente recebido pela crítica do seu país. O principal diário da Noruega escreveu: “Admirável e belo... A música étnica tem uma larga audiência fora da Noruega. O leitor deve saber que talvez a mais interessante artista neste género de música é originária do povo Sami e vive na Noruega!”. O disco foi premiado na Noruega em Fevereiro de 1994.

Com a edição do seu quarto álbum, *Lehkastian* (Desabrochando) Mari Boine deu um grande passo em frente nas suas gravações. Ao mesmo tempo era o desenvolvimento natural dos seus concertos ao vivo. “Sou uma artista que gosta do concerto, do que acontece entre o público e nós, que estamos no palco. Não é possível reproduzir isso num disco, tem que se experimentar ao vivo. Julgo que as pessoas podem sentir alguma coisa... estão juntas. Há uma espiritualidade.”

A música de *Lehkastian* foi encomendada por um dos mais importantes festivais da Noruega, Vossa Jazz, e estreada em Março de 1994. O CD foi distribuído

na Europa pela Verve World em 1995. Depois desse gravou ainda mais seis álbuns. O mais recente, *Idjagiedas* (Na mão da noite), está na base do concerto desta noite.

Mari colaborou com vários artistas, como Peter Gabriel ou Jan Garbarek. Compôs música para teatro e cinema, recebeu numerosos prémios, distinções e bolsas. Apresentou-se por toda a Europa, sempre com grande êxito junto do público e da crítica.

O encontro com Mari e a sua música não nos deixa indiferentes. Desde que permitamos que ela se aproxime de nós. A sua música é simples. É no encontro entre as canções, a sua voz, os músicos da banda, a interacção como ouvinte, que ganha a sua força.

Texto elaborado a partir de várias fontes, desde a biografia enviada pelo agente da artista a vários sites na internet, como www.fortunecity.com, www.rootsworld.com, www.kalleklev.no, http://mari_boine.mondomix.com

Idjagiedas segundo Mari Boine

Passaram mais de quatro anos desde que foi editado *Gavvci jahkejuogo* (Oito Estações). As pessoas perguntam-me porque é que decorre tanto tempo entre cada um dos meus álbuns. A resposta é simples: preciso desse tempo. Três ou quatro anos separam sempre cada álbum. Preciso desse tempo para recolher ideias, para ter qualquer coisa de verdadeiro para exprimir. Acontece tanta coisa em torno de um álbum. Primeiro leva tempo a criar e a recolher o material. Depois demora um tempo semelhante a gravar as canções. Depois há a imprensa, as entrevistas.

E no fim, evidentemente, há a parte de que mais gosto: sair e apresentar as canções às pessoas. Tempo para viver e para sentir a vida viva faz também parte. Pelo menos para mim. Poderia até ter demorado mais tempo se o Festival Telemark não me tivesse encomendado uma produção para a edição do ano passado. *Idjagiedas* recolhe grande parte das canções que escrevi para essa produção. Com o meu músico habitual e produtor, Svein Schultz, e os músicos que participaram na apresentação, “poli” a música para a versão gravada no álbum.

Acrescentei também outras canções. Uma delas foi escrita por um amigo meu, Ross Reaver. A canção chama-se *Big Medicine* e faz parte do que se tornou uma tradição nos meus álbuns, a de incluir uma canção em inglês ou norueguês.

Lottas (Passarinho) pertence à música que compus para o filme alemão que



sonho de mulher, que podia enfeitiçar os homens para sempre se eles não conhecessem as fórmulas mágicas que podiam libertá-los do feitiço. Aprendi imensas coisas com Karen Ana Buljo no ano passado e aprofundi ainda mais a minha herança cultural que continua a fascinar-me.

Em *Diamantta Spaillit* (Rena de diamante) ela mistura com maestria elementos do mundo antigo, tradicional, com pessoas indígenas, afinal todas as pessoas, uma realidade dissonante quando confrontada com a avidez e a constante ânsia por mais. Nesta canção oiço um lamento. Um lamento acerca destes poderes que parecem impossíveis de parar.

Rauni Magga Lukkari é um mestre a descrever as várias formas do amor entre duas pessoas. Mas também a descrever a nossa natureza contrastante e rude. Para mim é um prazer cantar as letras desta mulher. São uma parte integrante da preservação da riqueza e dos finos cambiantes da língua Sami.

Destá vez também quis explorar novos terrenos musicais, revelar novos lados da minha voz. Convidei Georg Buljo – que colabora como guitarrista – a escrever três das canções. Sven Schultz também contribuiu com algumas canções e ainda improvisou várias outras comigo.

adaptava o conto de fadas *Hans e Greta* [*Hansel e Gretel*, dos Irmãos Grimm, em português conhecido por *A casinha de chocolate*]. Só duas das letras deste álbum são minhas. Escolhi utilizar poemas de Sami Karen Anne Buljo e Rauni Magga Lukkari. Nestas canções canto uma língua que não existe na realidade mas que continua algures bem dentro de mim. Ou talvez seja uma língua que vem de fora... e que passa por dentro de mim. Quem sabe?

Os poemas de Karen Anne Buljo baseiam-se na mitologia Sami. Ela escreve sobre Uldda Nieida – a filha de criaturas que vivem debaixo da terra, que subestimaram as mulheres xamãs. É sobre a orgulhosa Afruvva, que fez o seu próprio caminho e que era o equivalente, na zona costeira Sami, de Uldda Nieida. Ulda Nieida era um

PRÓXIMO ESPECTÁCULO
JAZZ QUA 20 DE FEVEREIRO

Lontano Tomasz Stanko Quartet

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30 · DUR. 1h30 · M/12

O trompetista Tomasz Stanko tinha 20 anos e uma licenciatura na Academia de Música de Cracóvia quando formou a sua primeira banda, em 1962, frequentemente considerada, por historiadores do jazz, como o primeiro grupo europeu de *free jazz*. No ano seguinte Stanko foi convidado a integrar o quinteto do pianista Krzysztof Komeda (1931/1969) o grande precursor do jazz polaco. E foi Komeda quem mais influenciou a orientação musical que o trompetista iria seguir. Durante cinco anos Stanko fez parte do grupo e aparece em onze álbuns gravados nesse período.

Em 1970 juntou-se a Alex Schlippenbach's Globe Unit Orchestra, onde contactou com as principais figuras do jazz europeu de vanguarda. Fundou depois diversos grupos, tocou com músicos como Don Cherry, Edward Vesala, Chico Freeman, Howard Johnson, Cecil Taylor e muitos outros. Na década de 1970 gravou para a ECM, para a qual voltou a gravar na década de 1990, com músicos como Dave Holland,



Gary Peacock, Jan Garbarek, Dino Saluzzi, John Surman entre outros.

Paralelamente formou o seu quarteto com músicos polacos que se tornou para si a prioridade. O pianista Wasilewski, o contabaixista Kurkiewicz e o baterista Miskiewicz formavam um muito jovem trio quando Tomasz Stanko os ouviu no princípio dos anos 1990. Desde 1994 começou a tocar com eles. *Soul of Things* (2001) foi o primeiro disco que gravaram, – para a ECM, como os que se lhe seguiram – e proporcionou à banda numerosos concertos na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá tendo contribuído para os prémios que Stanko recebeu em 2002. Em 2004 editaram *Suspended Night*, que de novo recebeu o melhor acolhimento da crítica e foi o primeiro disco de jazz europeu a estar entre os álbuns de jazz mais vendidos nos Estados Unidos.

O último disco da banda, *Lontano*, está na base do concerto desta noite. Para Stanko, este é o melhor álbum dos três que gravou com o seu quarteto.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES
DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos
Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio
Judite Jóia

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Marta Fernandes ESTAGIÁRIA
Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Garmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCEIROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha